

O MODELO COGNITIVO IDEALIZADO DA ANSIEDADE E A METÁFORA DA ENCOMENDA

EL MODELO COGNITIVO IDEALIZADO DE LA ANSIEDAD Y LA METÁFORA DE LA
ENCOMIENDA

THE IDEALIZED COGNITIVE MODEL OF ANXIETY AND THE SHIPMENT METAPHOR

Daniel Felix da Costa Júnior*
Universidade Federal Fluminense

RESUMO: Este artigo tematiza a conceptualização da ansiedade no contexto do português brasileiro. A abordagem é centrada na Linguística Cognitiva e nos procedimentos metodológicos do MIP¹. O *corpus* dividiu-se em: a) textos de jornais *on-line*; e b) segmentos selecionados de buscadores eletrônicos. As unidades lexicais metafóricas foram identificadas em dois *frames*: o da emoção e o da doença. Os conceitos que se relacionaram à ansiedade foram: o almejo, o temor e a expectativa. Tais conceitos indicaram que a ansiedade patológica é determinada pela conjunção de expectativa e temor, enquanto que a ansiedade emocional pode ser determinada pela mesma conjunção ou pela conjunção de almejo e expectativa. Há uma noção de espacialização do tempo (TEMPO É ESPAÇO) e uma noção de entificação dos eventos (EVENTOS SÃO OBJETOS). Juntas, essas conceptualizações sugerem um estado mental que é subestruturado pelos elementos “sujeito receptor” e “objeto da encomenda”.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora. Conceitos emocionais. Ansiedade.

RESUMEN: Este artículo analiza la conceptualización de la ansiedad en el contexto del portugués brasileño. El abordaje se centra en la lingüística cognitiva y en los procedimientos del MIP (Metaphor Identification Procedure). El corpus de la investigación se divide en: a) textos de periódicos en línea; y b) segmentos seleccionados de motores de búsqueda. Las unidades léxicas metafóricas se identificaron en dos marcos: emoción y enfermedad. Los conceptos relacionados con la ansiedad eran: el anhelo, el temor y la expectativa. Estos indicaron que la ansiedad patológica se determina por la conjunción de expectativa y temor, mientras que la ansiedad emocional puede determinarse por la misma conjunción o por la conjunción de anhelo y expectativa. Hay una ‘idea de espacio’ de la noción del tiempo (EL TIEMPO ES ESPACIO) y una ‘idea del objeto’ de la noción del evento (LOS EVENTOS SON OBJETOS). Estas metáforas sugieren un estado mental que se estructura por los elementos “sujeto destinatario” y “paquete enviado”.

PALABRAS CLAVE: Metáfora. Conceptos emocionales. Ansiedad.

* Doutorando do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF). Bolsista de doutorado CNPq. E-mail: costa-jr@outlook.com.

¹ Metaphor Identification Procedure (MIP). Metodologia para identificação de metáforas proposta pelo Grupo Pragglejaz (2007).

ABSTRACT: This paper addresses the conceptualization of anxiety in Brazilian Portuguese. The approach is centered on *cognitive linguistics* and on the MIP methodology. The corpus is divided as follows: a) journalistic texts taken from online newspapers; and b) sentences collected from web search tools. We identified two-framed metaphorical lexical units - emotion and disease. Three anxiety-related concepts were distinguished: desire, fear, and expectation. Such concepts indicated that pathological anxiety is often determined by the conjunction of expectation and fear, while the emotional anxiety may be determined by the same conjunction, or by the conjunction of desire and expectation. In terms of conceptual metaphor, there is a notion of a spatialization of time (TIME IS SPACE), and a notion of entification of event (EVENT IS OBJECT). Together, these conceptualizations suggest a mental state structured by the “receiver (someone)” and the “one shipment (something)” elements.

KEYWORDS: Metaphor. Emotional concepts. Anxiety.

1 INTRODUÇÃO

A dinâmica atual das sociedades urbanas tem condenado as pessoas à celeridade das ações e das informações. Tal fato seria um elogio às evoluções tecnológicas se não fosse pela consequência de um fenômeno conhecido como ansiedade. Fenômeno que transita entre a natureza evolutiva da fisiologia humana e as necessidades recentes de uma sociedade economicamente globalizada. Cenário ao qual um sujeito social, cada vez mais isolado e aprisionado em satisfações de expectativa, manifesta sentimentos, ações e falas inseridas nos eventos cotidianos. Mas o que a Linguística tem a ver com um fato que, *a priori*, tende às ciências psicológicas e psiquiátricas? É na linguagem que o fenômeno emocional é entendido, conceptualizado e externado em palavras. Considerando as abordagens científicas que tomam o fenômeno emocional como objeto sem considerar a análise linguística, se assim o fazem, correm, portanto, o risco de omitir o papel da linguagem na própria ontologia dos sentimentos.

A viabilidade de uma pesquisa sobre emoções nos estudos de linguagem pode ser empreendida sob diversas perspectivas: a modalização semiótica das paixões e o estudo das formações discursivas de base ideológica são exemplos de campos possíveis nesse empreendimento. No entanto, uma proposta que se restringe, aqui, à investigação da conceptualização da ansiedade, tal como o processamento mental que os humanos utilizam para compreender e falar dessa emoção, aponta a si mesma seu próprio caminho teórico: a linha sociocognitiva.

Há várias pesquisas divulgadas sob esse aspecto teórico, por exemplo, o construcionismo corpo-baseado do conceito de raiva (BOKOR, 1997), ou, o desenvolvimento dos relacionamentos românticos (BAXTER, 1992). Trabalhos emblemáticos como o *Emotion Concepts* (1990) e o *Metaphor and Emotion* (2000), do linguista cognitivo Zoltán Kövecses, costumam ser frequentemente mencionados. O que une todas essas pesquisas é a proximidade ao conceito de metáfora, da maneira como é encarada pela teoria da metáfora conceptual de Lakoff e Johnson (1980). Trata-se, pois, de abordagens que ampliam a visão restritamente linguística da metáfora para um mecanismo de pensamento. Apurando-se diversas estruturas metafóricas mediante exemplos linguísticos que não seriam considerados metafóricos perante a visão tradicional da metáfora:

- (1) Dicas para *acalmar* a ansiedade pré-casamento. (B,95)²
- (2) Médicos [...] vão *prescrever* livros para *pacientes* com ansiedade. (A,2,b)

Essas sentenças, mesmo sem ocorrer em textos poéticos ou de caráter figurativo, exibem lexemas, como *acalmar*, *prescrever*, *pacientes*, que, pela Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), seriam considerados metafóricos. Pois, como “acalmar”? Se a palavra foi direcionada à “ansiedade”, um ente não detentor de temperamentos psicológicos. Como “prescrever”? Se livros não são considerados remédios. Como são “pacientes”? Se a ansiedade sempre foi considerada um fenômeno normal e não patológico da existência emocional humana. Mais do que isso, as sentenças apontam para uma adaptação relativamente recente do conceito de ansiedade: em (1), a ansiedade salutar e natural, e em (2), a ansiedade patológica e prejudicial.

² Exemplos advindos do discurso natural. Marcações do tipo (B,95) e (A,2,b) são referências aos *corpora* instituídos em Costa Jr. (2014).

A investigação do conceito de ansiedade motiva-se pelo interesse social quanto ao tema e pela atualização das acepções semânticas desse conceito. Os objetivos são: descrever a organização conceptual que permeia o modelo cognitivo idealizado (MCI) e identificar as metáforas subjacentes ao discurso sobre ansiedade.

A pesquisa orienta-se pelas seguintes hipóteses: a) a relação interdomínios/metafórica determina os principais sentidos da ansiedade; b) os estados mentais da *crença* e do *desejo* são determinantes para a compreensão das nuances da emoção. Sendo assim, este artigo se estende por mais 4 seções: o item 2 sintetiza o trajeto histórico-epistemológico da metáfora; o item 3 explicita os elementos teóricos conduzidos na metodologia, o método MIP e as primeiras análises do *corpus*; o item 4 continua as análises da seção anterior e esboça uma descrição do MCI; e o item 5 encerra as últimas considerações da pesquisa.

2 DA METÁFORA À ESTRUTURA CONCEPTUAL

A metáfora detém um longo histórico por entre o pensamento ocidental que, aos poucos, a conduziu para o nível de “mecanismo cognitivo”. Esta seção pretende abordar, brevemente, a forma com que a metáfora emergiu no nível linguístico, passando ao nível cognitivo dos conceitos e contribuindo para o estudo conceptual dentro da Linguística Cognitiva. A finalidade da seção é abordar o direcionamento mental de um fenômeno que já foi considerado estritamente linguístico.

Vista pelos gregos clássicos como uma questão de transposição de nomes, a metáfora tinha em Aristóteles o seu principal idealizador. Como um contestador da escola sofística, o filósofo dedicou boa parte de sua obra a rebater os argumentos daquela escola. Por serem mestres em oratória, os sofistas valiam-se de metáforas para persuadir em seus debates, metáforas que eram consideradas “frívolas” na visão de Aristóteles (*Retórica*, 1406b), pelo simples fato de parecerem excessivamente rebuscadas. É no tratado sobre *Retórica* (1410b) que o filósofo reconhece que a metáfora causa sensações agradáveis ao introduzir “[...] palavras que nos são desconhecidas [...]”. E em *Poética* se obtém a definição mais conhecida: “[...] a metáfora consiste no transportar para uma coisa o nome de outra, ou do gênero para espécie, ou da espécie para o gênero, ou da espécie de uma para a espécie de outra, ou por analogia [...]” (ARISTÓTELES, *Poética*, XXI, 1457b). A relevância dos tratados *Retórica* e *Poética* contribuiu para a associação popular da metáfora a essas disciplinas.

Ao ser relacionada a essas disciplinas clássicas, a metáfora logrou os mesmos (des)prestígios adquiridos por elas ao longo dos anos. A retórica, por exemplo, foi considerada um acessório, “[...] um ornamento que acompanha de perto aquilo que é natural [...]” (BARTHES, 1970, p.192)³; viu-se reduzida ao estudo da tipologia dos tropos, à tropologia; já foi, até mesmo, considerada “morta”, no século XIX (RICOEUR, 1975 [2000], p.17). Essas visões restritas ocorreram, mesmo não estando em total consonância com o projeto aristotélico, aquele de uma retórica mais relacionada à lógica argumentativa, compromissada com a verdade e com o Órganon.

Mais recentemente os estudos da metáfora ganharam contornos que fugiram ao modelo restrito da visão tradicional. Richards (1936, p.119) sugeriu que a metáfora trabalha com duas ideias que cooperam para um significado inclusivo, portanto, não se trata de uma mera transferência de nomes. Black (1962, p.38) deixou claro que o significado resultante de duas ideias aproximadas pela metáfora é interativo; já que nem sempre há uma similaridade entre os objetos da comparação, a similaridade é criada pela interação. Richards (1936) e Black (1962) são detentores de uma abordagem que, atualmente, é conhecida como a visão interacional da metáfora. Mas a abordagem que começou a trazer a metáfora para a cognição foi iniciada com a publicação do artigo *The Conduit Metaphor*.

É possível que a metáfora do canal (*conduit metaphor*) tenha sido uma das primeiras abordagens a transpor a metáfora do nível estritamente linguístico para o nível de pensamento. Em seu artigo, Reddy (1993 [1979]) descreveu que grande parte do que as pessoas entendem sobre o processo da comunicação é vista à maneira de um canal/conduto: pensamentos tornam-se palavras que se entificam como objetos enviados a outrem, por meio de um canal que efetua a comunicação. Essa visão cognitiva da metáfora foi

³ No original: “un ornament, que l'on surveille étroitement au nom du ‘naturel’”. Tradução nossa.

ampliada, por Lakoff e Johnson (1980), a qualquer aspecto da conceptualização de mundo, e não apenas à compreensão da comunicação. A publicação de *Metaphors we live by* instituiu o paradigma da metáfora como uma figura de pensamento, uma visão conhecida como a teoria da metáfora conceptual (TMC).

Em termos simplificados, a metáfora conceptual é uma relação interdomínios. Há um domínio-fonte, espaço de um significado mais concreto ou menos vago, que se projeta a um domínio-alvo, geralmente mais abstrato. Tal visão de conceptualização interdomínios é o que orienta uma das hipóteses mencionadas na introdução deste artigo. A percepção dessa relação de domínios é feita mediante *veículos* (RICHARDS, 1936), palavras isoladas ou agrupamento de palavras que emprestam suas propriedades ao elemento do domínio-alvo. Como ocorre com a sentença (2), os termos *veículos prescrever* e *pacientes* pertencem ao domínio DOENÇA⁴ e se projetam ao elemento *ansiedade*, pertencente ao domínio da EMOÇÃO, subscrevendo, assim, a metáfora conceptual EMOÇÃO É DOENÇA. Metáfora essa que conceitua várias emoções consideradas de valor negativo (cf. KÖVECSES, 2000).

A ampliação cognitiva proporcionada pela TMC possibilitou a absorção dos estudos emocionais por essa área da Linguística. Muitos objetos de conceptualização são passíveis de análise via metáfora conceptual, fator que não deve ser confundido com a trivialização de que tudo seja metáfora. Esse fator deve apenas refletir a predisposição de que as entidades abstratas são mais inclinadas à metaforicidade do que as entidades concretas. Sendo assim, falar sobre sentimentos e emoções é muito mais abstrato do que, por exemplo, falar sobre uma parte do corpo.

Os conceitos emocionais costumam seguir padrões similares quanto aos domínios-fontes. Na explanação de Kövecses (2000), há a menção a diversos domínios que o autor considerou aplicáveis às emoções, dentre os quais: domínios que se aplicam a todas as emoções, como POSSE DE UM OBJETO (Johnny Depp também *tem* uma fobia - A,12,f) e PRESENÇA (prevê uma *exposição* progressiva ao medo - A,9,i); domínios que se aplicam a maioria das emoções, como o RECIPIENTE (música para *reduzir* a ansiedade - A,6,a), FARDOS (problemas de saúde mental entre *leves* e moderados - A,2,c) e outros; domínios aplicáveis a algumas emoções, como TRAJETO (a *origem* do estado de humor ruim - A,8,c), GUERRA (enfrentam *batalhas* públicas contra uma série de distúrbios - A,12,b).

A identificação desses domínios-fontes faz parte de um esforço definicional condizente com a investigação de um conceito emocional específico. Ao fazê-lo, Kövecses (2008) assinala que a estrutura conceptual de uma emoção não é feita apenas de metáforas conceptuais, mas também de metonímias, de conceitos relacionados e de modelos prototípicos. Um estudo, que se proponha a pesquisar o conceito da ansiedade no contexto do português brasileiro, deve levar em consideração toda essa tradição teórica da metáfora, caso esteja direcionado ao paradigma sociocognitivo da linguagem. Isto posto, aprecia-se uma exposição ao método a que se pretende tal fim, método que se fundamenta na mesma tradição.

3 MÉTODO E ANÁLISE

Este estudo segue a prevalência do viés qualitativo em pesquisas de metáfora. Alia o método de introspecção à ferramenta de análise de *corpora*, submetidos ao aporte teórico-metodológico da Linguística Cognitiva. O método de introspecção é, segundo Talmy (2000), a única instrumentalidade capaz de acessar a estrutura da consciência, mas necessita de rigor na teoria e na análise dados linguísticos. Urgem, então, os elementos teóricos a serem considerados.

- *Domínio-fonte e domínio-alvo*: elementos que compõem o princípio básico da TMC. Supõe-se que conceitos mais abstratos são entendidos em termos de conceitos mais básicos, como ocorre no exemplo (3): há o domínio-alvo “ansiedade” e o domínio-fonte “luta”, refletido na expressão “lutar contra”, pressupondo a compreensão de que ANSIEDADE É INIMIGO.

- *Frame*: elemento teórico bastante recorrente nos estudos cognitivos, que pode ser entendido como “[...] sistema de conceitos relacionados de uma forma que para entender algum deles você tenha que entender a estrutura completa a qual ele se ajusta [...]”

⁴ Tradicionalmente, a Linguística Cognitiva e sua vertente da TMC se referem a domínios cognitivos e a metáforas conceptuais usando o padrão em CAIXA ALTA.

(FILLMORE, 2006, p.373)⁵. No exemplo (3), o lexema “transtornos”, além de remeter ao domínio da (des)ordem, remete ao frame de “doença”, que ativa todo um conjunto de significados que só fazem sentido se estiverem associados a esse frame, como: tratamento, sintomas, paciente etc. Enquanto que em (4), há aparentemente a mesma metáfora ANSIEDADE É INIMIGO, porém perfilada pelo frame da emoção e sem nenhum enfoque quanto ao frame da doença.

(3) *Lutam publicamente contra fobias e transtornos de ansiedade. (A,12,a)*

(4) *Como combater a ansiedade e o ataque às guloseimas. (B,104)*

- *MCI*: sigla para *modelo cognitivo idealizado*; trata-se de um conceito formulado em Lakoff (1987), que reúne segmentos de relações prototípicas advindas de elementos como estrutura proposicional, estrutura de esquema-imagem, mapeamentos metafóricos e mapeamentos metonímicos. De acordo com Kövecses (2010, p.208), os MCIs são pano de fundo para as ações, a causação e as categorias, e são pano de fundo para a estrutura de causa-efeito que é importante como relação metonímica dos conceitos de emoções. Uma das características da nossa abordagem é ver o MCI da ansiedade como um macroframe que sistematiza características pertencentes aos frames da emoção e da doença.

A abordagem do MCI influenciou na necessidade de critérios metodológicos que facilitassem o estudo do fenômeno em questão. Nesse intuito, decidiu-se abordar os dados dividindo-os pelos frames de realização. Trabalhando-se com um *corpus* composto por textos do gênero reportagem, colhidas de jornais eletrônicos veiculados na internet, e com uma seleção de frases de gêneros digitais variados extraídos de mecanismos de busca (*websearch tools*). A motivação do primeiro *corpus* se deve ao fato de que o domínio jornalístico geralmente apresenta uma linguagem intermediária que se equilibra entre a linguagem técnica (da medicina) e a linguagem popular (culturalmente disseminada). A motivação para um *corpus* de frases selecionadas deveu-se à busca por uma caracterização mais ampla do tema, que não ficasse restrita a um único grupo social. Ambos os *corpora* definidos e sistematizados em Costa Jr. (2014). O *corpus A* com enfoque no frame da doença e o *corpus B* com enfoque no frame da emoção (quadro 1).

Quadro 1: Composição do *corpus*

<i>Subcorpus A</i>	<i>Subcorpus B</i>
<p>Conjunto de 12 textos do gênero reportagem. Selecionados da versão eletrônica dos jornais <i>O Globo</i> e <i>Folha de S.Paulo</i>. Alguns títulos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ansiedade, um transtorno que começa na infância - Uma dose de música para reduzir a ansiedade <p>(...)</p>	<p>Conjunto de 110 frases selecionadas de mecanismos de busca da internet, agrupadas por termos de entrada, como “ansiedade para”, “ânsia de”, “ânsia por”, “ansioso com”, “ansiosa para” (...).</p> <p><i>Websearchs</i> utilizadas: <i>Google</i> e <i>Bing</i>.</p>

Fonte: elaboração própria

O método MIP (*metaphor identification procedure*) é um conjunto de procedimentos que foi excessivamente posto à prova nesta pesquisa. Desenvolvido pelos linguistas do grupo Pragglejaz (2007), o método identifica unidades lexicais consideradas de uso metafórico, contudo, sem a sugestão de metáforas conceptuais subjacentes àquelas expressões. O fato de o MIP apresentar alguma variabilidade entre analistas de um mesmo texto demonstra tendência de marcação de casos não prototípicos, como uma das ressalvas feita pelo grupo idealizador (PRAGGLEJAZ, 2007, p.21), mas isso não invalida a análise das expressões metafóricas. Os procedimentos seguem a seguinte ordem: a) leitura geral do texto/discurso, acompanhada de uma segunda leitura minuciosa; b)

⁵ No original: “any system of concepts related in such a way that to understand any one of them you have to understand the whole structure in which it fits”. Tradução nossa.

definição das unidades lexicais do texto, como feita na sentença (5-b); c) determinação do significado contextual de cada unidade lexical; d) determinação do significado básico⁶ da unidade lexical; e) comparação dos significados contextual e básico, identificando se o significado contextual pode ser entendido em termos do significado básico; e f) marcação como unidade lexical metafórica, caso a comparação entre os significados seja possível.

- (5) a. Ler *reduz* os níveis de estresse. (A,2,d)
 b. Ler / *reduz* / os / níveis / de / estresse.

Essa análise padroniza as demais análises de expressões metafóricas da pesquisa. A título de exemplo, o lexema “reduz” da sentença (5) alcançaria a seguinte análise:

Quadro 2: Análise proveniente do método MIP

“reduz”

significado contextual: Nesse contexto, “reduz” possui o sentido de abrandar, mitigar; esse sentido é bastante utilizado para conceitos abstratos como dor, prepotência, emoções etc.

significado básico: O significado mais básico do verbo “reduzir” é o de diminuir, tornar menor.

significado contextual versus significado básico: O significado contextual se opõe ao significado básico e pode ser compreendido em comparação a ele. Mesmo sendo muito utilizado em contextos abstratos, o verbo “reduzir” possui seu sentido mais básico ligado a tamanho físico, esse sentido acaba sendo expandido a coisas não mensuráveis em termos de tamanho físico.

Usado metaforicamente? Sim.

Fonte: elaboração própria

Embora não seja um procedimento do MIP, foram propostas metáforas subjacentes para cada unidade lexical considerada de uso metafórico. A sugestão dessas metáforas foi necessária para uma melhor descrição do MCI. Aproximadamente oitenta metáforas subjacentes ao conceito de ansiedade foram identificadas. É possível considerar que a maior parte delas seja de metáforas conceptuais ou de derivações de metáforas conceptuais mais gerais, como se identifica EMOÇÃO É CONTEÚDO NO RECIPIENTE (na sentença (5-a)), bem como, a sua derivação ESTRESSE É CONTEÚDO NO RECIPIENTE. Algumas metáforas de destaque no inventário de dados são:

- (6) Não é a primeira vez que a ansiedade a *atrapalha* (A,5,c)
 (ANSIEDADE É OBSTÁCULO)
- (7) Componente da maconha *alivia* fobia social (A,3,a)
 (ANSIEDADE É FARDOS)
- (8) A ansiedade é *internalizante* (A,4,b)
 (ANSIEDADE É PARA DENTRO)
- (9) *Entregue* sua ansiedade para Deus (B,3)
 (ANSIEDADE É UM OBJETO)
- (10) Felipe Azevedo espera *matar* ânsia por acesso no sábado (B,47)
 (ÂNSIA É UM ORGANISMO VIVO)
- (11) *Distúrbio atinge* cerca de 12% dos brasileiros (A,9,b)

⁶ O termo “significado básico”, aqui, não possui conotação materialista/determinista. Trata-se de nomenclatura adotada pelo grupo que tende a evocar o significado mais concreto, mais corpóreo ou historicamente mais antigo.

(ANSIEDADE É DESORDEM / ANSIEDADE É UM PROJÉTIL)

Uma ampla identificação de metáforas é substancial para a análise da estrutura conceptual da ansiedade. Como em Kövecses (2008), há um papel significativo para as metáforas nessa estrutura, o que não acarreta preterição de outros elementos igualmente necessários: metonímias, conceitos relacionados e frames semânticos. O caminho percorrido na próxima seção une todos esses elementos em torno de uma proposta de melhor compreensão esquemática da ansiedade e seu MCI.

4 O MCI DA ANSIEDADE

O estudo sobre conceitos pode ser abordado de duas maneiras na perspectiva sociocognitiva: as pesquisas do tipo *bottom-up* e as pesquisas do tipo *top-down*. Pesquisas *top-down* sugerem uma estrutura cognitiva global baseada em alguns dados linguísticos, enquanto que as pesquisas *bottom-up* trabalham com uma grande quantidade de dados e fazem generalizações mínimas sobre os dados e a estrutura global. Este artigo representa pesquisa de caráter *bottom-up*, seus resultados são restritos aos dados do *corpus* e não devem ser generalizados.

Uma forma de se introduzir o que é culturalmente legitimado sobre ansiedade é buscar o seu significado no dicionário.

ânsia

- a. manifestação física provocada pela contração do epigástrico
- b. sensação de desconforto físico causada por uma pressão na região peitoral

ansiedade

- a. grande mal-estar físico e psíquico; aflição, agonia
- b. fig. desejo veemente e impaciente
- c. fig. falta de tranquilidade, receio (HOUAISS et al., 2009)

Os verbetes de *ânsia* e de *ansiedade* indicam suas principais possibilidades de significação. O que é saliente, em ambos, é a coincidência do fenômeno físico do mal-estar e da contração do epigástrico como significações primeiras. Uma análise, mediante o MIP, apontaria os mesmos significados dos descritores ‘a’ como significados básicos. Isso não se deve à posição dianteira escolhida pelo Dicionário Houaiss, mas sim à relação desses significados com a experiência concreta e corpórea. A assunção desse fato remete a um argumento já bastante investigado na Linguística Cognitiva: as metáforas primárias.

A tese de Grady (1997) alertava que muito do nosso sistema conceptual advém de percepções diretamente ligadas à anatomia e à forma como o nosso corpo experiencia sua presença no espaço/ambiente. A linguagem sobre emoções possui uma tendência natural a essa modalidade de metáforas devido aos efeitos emotivos terem consumação direta no corpo. Essa tese se fortalece quando a maioria das metáforas do *corpus* pode ser entendida sob esse aspecto, basta que voltemos às sentenças (5), (6), (7), (8) e (10) para verificarmos os domínios-fonte de recipiente, obstáculo, fardo e organismo. Além dessas, os dados apontam para outras analogias primárias, como: invólucro, para dentro, para baixo, desequilíbrio físico, trajeto e doença.

4.1 Metonímia

No que diz respeito às emoções, a metonímia é outra especificidade com estreita relação ao que ocorre no corpo. O princípio básico da metonímia é ser “[...] um processo cognitivo em que uma entidade conceptual, o veículo, provê acesso mental a outra entidade conceptual, o alvo, no interior do mesmo domínio, ou do mesmo modelo cognitivo idealizado [...]” (KÖVECSES, 2010, p.173)⁷. Uma contravenção da metonímia ocorre em suas próprias definições. Barcelona (2003) problematizou muito do que se entende sobre domínios, mapeamentos, *highlight* e ativação, destacando a dificuldade em se identificar as metonímias e a pressuposição do

⁷ No original: “Metonymy is a cognitive process in which one conceptual entity, the vehicle, provides mental access to another conceptual entity, the target, within the same domain, or idealized cognitive model (ICM)”. Tradução nossa.

indivíduo em conhecer as categorias das entidades. Abstraindo-se dessas contravenções, Kövecses (2008, p.133) alertou para dois tipos principais de metonímias, úteis à nossa análise: CAUSA DA EMOÇÃO PELA EMOÇÃO e EFEITOS DA EMOÇÃO PELA EMOÇÃO.

(12) Mão suando, perna tremendo, respiração ofegante. (A,5,e)

(13) Os sintomas podem pegar a pessoa de surpresa. (A,5,f)

SINTOMAS FÍSICOS POR ANSIEDADE é uma metonímia visível em (12) e (13), que é passível de derivações em “suor por ansiedade”, “tremor por ansiedade” e “ofego por ansiedade”. Metonímias de causa, como “estresse causa ansiedade”, “medo/fobia causa ansiedade”, “ansiedade/medo causa pânico” e “expectativa causa ansiedade” são possíveis apenas via causalidade semântica, pois os dados do *corpus* foram insuficientes para os exemplos linguísticos.

4.2 Conceitos relacionados

Além de metáforas e metonímias conceptuais, o terceiro elemento de composição da estrutura conceptual de uma emoção são os conceitos relacionados. Segundo Kövecses (2008, p.133), esses conceitos são “[...] as emoções ou atitudes que o sujeito da emoção tem em relação ao objeto ou à causa da emoção [...]”⁸. Pela análise dos dados, consideram-se os (SENTIMENTO DE) ESTRESSE, (SENTIMENTO DE) PÂNICO, (SENTIMENTO DE) MEDO/FOBIA e (SENTIMENTO DE) ÂNSIA⁹, como sentimentos que o sujeito tem em relação à ansiedade. Por outro lado, há sentimentos que causam a ansiedade e que participam de forma mais concludente do seu significado. Aceitamos que esses sentimentos possam ser representados em estados mentais de conjunção entre *crença* e *desejo*. Na visão de Searle (2002, p.40-51), vários estados mentais/intencionais não podem ser entendidos sob esse tipo de conjunção, mesmo assim o filósofo menciona algumas formulações menos polêmicas, como a da **expectativa**:

$$\text{Expectativa } (p) \leftrightarrow \text{Cren } (\text{Futuro } p)$$

O conceito de expectativa concebe-se frequente na ansiedade em qualquer subdivisão de frame elencada pelo *corpus*. A crença de um futuro(*p*), de um objeto qualquer perspectivado, reitera-se no frame da emoção valorada negativamente, com o objeto da crença futura recuperável nas sentenças (1) e (4); reitera-se no frame da doença, com o objeto da crença futura recuperável pelo contexto discursivo das sentenças (6) e (7); e, completando a subdivisão de frames, reitera-se no frame da emoção valorada positivamente, como se observa na sentença (14), em que a crença futura é representada pelo evento de “tornar-se mãe”.

(14) Felicidade, ansiedade e muito prazer por ser mãe. (B,91)

Para Searle, os estados mentais podem ser intencionais e não intencionais, é o aspecto de direcionalidade que os determinam. Nessa visão, intencionalidade não significa ter intenção, mas significa, de modo cognoscitivo, ter a consciência de algo, sendo uma interpretação parecida com a que ocorre na tradição fenomenológica. Searle (2002, p.42) destaca outra formulação pouco problemática, que é útil ao nosso tema: o **temor**.

$$\text{Temor } (p) \rightarrow \text{Cren } (\diamond p) \& \text{Des } (\sim p)^{10}$$

A fórmula indica que se há um temor que *p*, então há a crença de um possível *p* que deve estar em conjunção com o desejo de que esse objeto *p* não ocorra. Trata-se de um estado mental que não ocorre no frame da emoção de valoração positiva, mas ocorre no frame da emoção de valoração negativa e no frame da doença. As sentenças (15) e (16) são elucidativas do caso.

⁸ No original: “[...] related concepts are emotions or attitudes that the subject of emotion has in relation to the object or cause of emotion [...]”. Tradução nossa.

⁹ Kövecses (2008, p.137) utiliza o mesmo padrão em “caixa alta”, característico das metáforas conceptuais, para referir-se a conceitos relacionados (p. ex. FEELING OF) SATISFACTION) e a metonímias conceptuais (p. ex. BRIGHT EYES FOR HAPPINESS). Manteve-se, nesta pesquisa, a mesma característica.

¹⁰ Formulação em sintaxe de Lógica Modal. O operador \diamond faz parte da simbologia de modalidades aléticas. Dentre várias: \diamond indica possibilidade e \square indica necessidade.

- (15) Eu estava chorando de medo de que aquela sensação voltasse. (A,7,c)

O *Temor* implica a *Crença* de que determinada sensação é possível e o *Desejo* de que essa sensação não ocorra.

- (16) Eles se preocupam constantemente e se sentem impotentes para controlar essas preocupações. (A,7)

O *Temor* implica a *Crença* de que há a possibilidade de um motivo *p* para se preocupar e o *Desejo* de que o motivo dessa preocupação não ocorra.

O conceito de temor se une ao conceito de expectativa devido ao fato de que a expectativa, vista isoladamente, não é suficiente para determinar a compreensão da ansiedade. Embora, em algumas situações, a ansiedade tenha o mesmo sentido de expectativa. Em nossa visão, essas situações decorrem de uma extensão metonímica. No entanto, algum outro conceito deve se unir à expectativa quando o enfoque é o frame da emoção positiva, pois essa é a única subdivisão de frame que não é alcançada pelo conceito de temor. Nossa pesquisa buscou esse conceito ausente, entendendo-o pela seguinte conjunção:

$$X(p) \rightarrow \text{Cren}(p) \& \text{Forte Des}(p)$$

Há um estado mental em *p* que implica a crença desse *p* em conjunção com o desejo por esse *p*. Quanto ao estado mental representado por *X*, esta pesquisa denomina-o de **almejo**. Esse conceito, unido à expectativa, caracteriza a prototipicidade da ansiedade considerada uma emoção boa e positiva. Isso se reflete na sentença (14), em que o *Almejo* implica a *Crença* em ser mãe, em conjunção com um *Forte Desejo* de ser mãe. Em suma, há os conceitos relacionados à ansiedade: medo, pânico, ânsia e estresse. E há os conceitos intrinsecamente relacionados que juntos determinam o frame da ansiedade (quadro 3).

Quadro 3: Conceitos intrínsecos da ansiedade

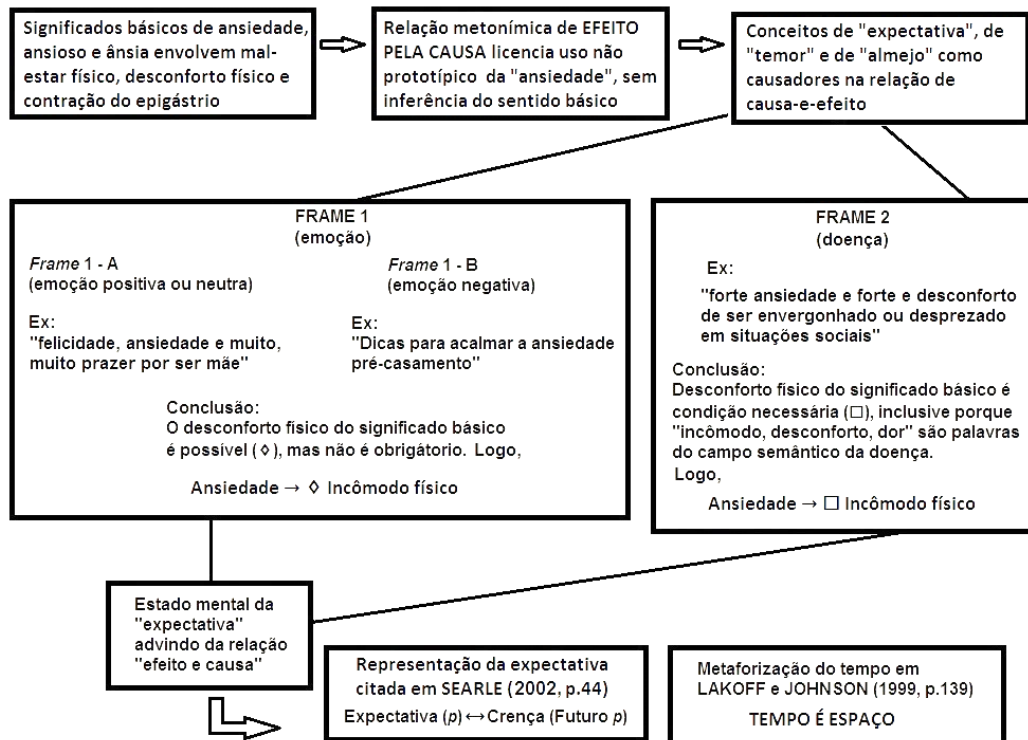
	Frame 1 – a Emoção positiva	Frame 1 - b Emoção negativa	Frame 2 Doença
Almejo	X		
Temor		X	X
Expectativa	X	X	X

Fonte: elaboração própria

A identificação de modelos cognitivos não deve negligenciar o fato de que o conceito de ansiedade se atualiza em mais de um enquadramento semântico, conforme quadro 3. Vendo sob esse aspecto, o conceito mais frequente em co-ocorrência com a ansiedade é o da expectativa, logo, o nível de prototipicidade da expectativa é maior que os de temor e de almejo. Essa frequência é responsável por oferecer à ansiedade casos menos prototípicos, em que o significado básico (de desconforto físico e contração do epigástrico) é sobreposto e parece não ser perceptível discursivamente, fenômeno ocorrido em (17). Caso em que o conceito de ansiedade parece se igualar ao de expectativa.

- (17) 10 momentos para estimular a ansiedade de escritores novatos. (B,35)

Quadro 4: MCI da ansiedade – parte 1



Fonte: Costa Jr. (2014), mas com adaptações para a presente pesquisa

O fenômeno da sobreposição/apagamento do significado básico ocorreu apenas no frame da emoção, especificamente na ansiedade considerada positiva. O que leva à conclusão de que o incômodo físico é significativo e mais frequente, mas não é uma condição necessária (\diamond) para o frame da emoção. Enquanto que no frame da doença, o significado básico é sempre dedutível, levando à conclusão de que o incômodo físico é uma condição necessária (\square) a esse frame. Com base na análise feita até aqui, um esboço parcial do trajeto de pesquisa do MCI foi proposto no quadro 4.

4.3 A metaforização da encomenda

A investigação de causalidade forneceu um papel de destaque ao estado mental da expectativa, ou a um "modo de ser" da expectativa em poucos casos patológicos (como no transtorno de ansiedade generalizada). Essa percepção indica uma prospecção ao futuro. Com esses resultados, a pesquisa buscou uma estrutura que organizasse o conhecimento popular sobre a emoção, de maneira que pudesse estruturar um modo de consciência análogo ao da ansiedade. Encontrou-se na noção de "encomendar" tal estrutura, segundo o Dicionário Aulete: "mandar fazer ou mandar entregar (algo) a ser adquirido".

Dois critérios metafóricos foram levados em consideração na proposta da "encomenda". A compreensão de que TEMPO É ESPAÇO (LAKOFF; JOHNSON, 1999) é uma das possibilidades da conceptualização de tempo. Sob essa metáfora, o tempo é análogo ao espaço, a perspectiva do sujeito observador é o tempo presente, enquanto que o espaço à frente da perspectiva do sujeito é o tempo futuro. A compreensão de que EVENTOS SÃO OBJETOS é uma metáfora aplicável ao padrão de metáforas de entidade, de Lakoff e Johnson (1980). Sob o padrão de entidade, fenômenos abstratos podem ser entificados em algum objeto. Juntas, TEMPO É ESPAÇO e EVENTOS SÃO OBJETOS estruturam a base conceptual da Metáfora da Encomenda para o conceito de ansiedade.

Instituída pelo conceito de expectativa, a analogia da encomenda possui uma sintaxe de dois elementos: o sujeito (o *receptor*) e o objeto por vir (a *encomenda*). Consideramos “objeto encomendado” tudo que envolva uma consciência de¹¹ eventos, e que seja passível de ocorrência futura, tais como:

- eventos (casamento, jogo, prova, palestra, nascimento de filho etc.);
- situações sociais (encontros, desempenho de funções, dirigir veículos etc.);
- memórias (fatos avaliados negativamente esperados a se repetir, humilhações, desprezos etc.).

Exemplos do *corpus*, ilustrativos da analogia:

- (18) Maracanã provoca encantamento e aumenta ansiedade da seleção (B,89)
Receptor: seleção [jogadores de futebol]
Encomenda por vir: Maracanã [estádio]
- (19) Forte ansiedade e desconforto de ser desprezado em situações sociais (A,9,w)
Receptor: sujeito ansioso [implícito]
Encomenda por vir: desprezo social

Uma peculiaridade motivada pela analogia da encomenda envolve a modalização de certeza entre os frames. Os dados relativos ao frame da emoção movem-se por um pano de fundo em que a concretização do evento-encomenda é dada como certa, mas tal certeza de concretização não é um pré-requisito necessário no frame da doença. Na sentença (18), percebemos um modelo seguido por sentenças em que a ansiedade é considerada uma emoção salutar e não patológica. O objeto encomendado “Maracanã” é envolto por um modo de certeza de vinda. Um tipo de estrutura envolvendo “receptor + expectativa de encomenda + certeza do objeto enviado”. Não por coincidência, a estrutura forma uma derivação lógica da fórmula da expectativa mencionada parágrafos antes.

Expectativa → Cren (Objeto vindouro)

Por outro lado, na sentença (19), o evento encomendado não é envolto por certeza. O sujeito ansioso de um frame patológico não necessita da concretização, basta saber que eventos como “desprezo social”, “morte”, “loucura” são possíveis de ocorrer para que a ansiedade seja ativada. No frame da doença, o objeto da encomenda tanto pode ser dado como certo, em alguns casos, quanto pode ser apenas hipotético em outros. Gerando outra derivação da fórmula da expectativa, atualizada para esse frame.

Expectativa → Cren (◊ Objeto vindouro)

O que demarca a diferença entre os frames é basicamente a racionalidade. Se alguém possui a consciência de certeza em um futuro objeto, sua ansiedade é justificável enquanto emoção. Mas se alguém não possui certeza de um objeto vindouro, ou mesmo, se há certeza, mas os efeitos são frequentemente supervalorizados, sua ansiedade é injustificável e chegou ao enquadre da doença.

4.4 Modelos cognitivos prototípicos

Todas essas análises propiciam a identificação dos modelos prototípicos da ansiedade em nossa cultura. Kövecses (2000, p.130) propõe que um “modelo popular de senso-comum” da emoção deva perpassar pelo seguinte esquema:

causa ⇒ *emoção* ⇒ (*controle*) ⇒ *resposta*

¹¹ A expressão “consciência de” é utilizada por fenomenólogos e por filósofos da mente que consideram o fenômeno da intencionalidade como dotação de sentido para a consciência. Segundo Husserl (1929 [2001]), “a palavra intencionalidade não significa nada mais que essa particularidade fundamental e geral que a consciência tem de ser consciência de alguma coisa, de conter, em sua qualidade de cogito, seu cogitatum em si mesma” (§14, p.51, grifos no original).

Sendo que, neste artigo, o esquema recebe a seguinte adaptação: *causa (da ansiedade) / existência (da ansiedade) / tentativa de controle / perda do controle / ação de resposta*. Os dados analisados e as metáforas identificadas pelo método MIP orientam para a evidência de dois modelos prototípicos: ansiedade como estado de preocupação e ansiedade como estado de almejo.

A ansiedade pelo modelo da preocupação é valorada negativamente, por isso ocorre tanto no frame da emoção quanto no frame da doença. A ocorrência eventual é tida como dentro da normalidade, já a ocorrência frequente é vista como patológica. O quadro 5 esquematiza esse modelo prototípico.

Quadro 5: Modelo cognitivo: ansiedade como estado de preocupação

a. Causa da preocupação	b. Existência da preocupação
<p>Uma pessoa <i>X</i> toma conhecimento da vinda de um objeto <i>p</i>. Ela já conhece o conteúdo de <i>p</i> porque já passou por uma experiência perceptiva de <i>p</i>, ou conhece o conteúdo de <i>p</i> através da crença em relatos sobre <i>p</i>.</p>	<p><i>X</i> está tensa, em estado de preocupação constante por <i>p</i>. Sente que a mente não consegue se concentrar plenamente em outros temas. <i>X</i> tem uma sensação de desordem por não conseguir ordenar naturalmente os seus pensamentos. Percebe alterações respiratórias que refletem um desconforto na região do tórax e epigástrico.</p>
<p>c. Tentativa de controle</p>	<p>Ela sente uma sensação desagradável que tende a aumentar. Há a sensação de que se está lutando contra alguém indesejado.</p>
<p><i>X</i> faz uso de técnicas de respiração e meditação, tenta empreender outras atividades para tentar reduzir a sensação desagradável do momento. <i>X</i> busca uma forma de controlar o que sente e tenta não se engajar numa resposta comportamental da preocupação de <i>p</i>.</p>	<p>e. Ação de resposta</p>
<p>d. Perda do controle</p>	<p><i>X</i> demonstra respostas comportamentais, ou respostas expressivas, ou comunica aquilo que sente. Além disso, é possível exibir um comportamento descontrolado (na forma de postura cabisbaixa, excessivamente introspectiva, e reações enérgicas e agressivas em muitos momentos).</p>
<p>Apesar de tudo isso, <i>X</i> perde o controle.</p>	

Fonte: elaboração própria

Algumas metáforas conceptuais são indícios para esse modelo: ANSIEDADE É FARDO, ANSIEDADE É PARA BAIXO, ANSIEDADE É OBSTÁCULO, ÂNSIA É OBSTÁCULO, ANSIEDADE É UM INIMIGO, ANSIEDADE É UM DOMINADOR, ANSIEDADE É UM ALGOZ, SENTIR ANSIEDADE É ESTAR PERDIDO. Os exemplos linguísticos dessas metáforas sugerem uma pessoa ansiosa com muita preocupação, alguém que sente uma sensação de peso sobre si, que sabe que terá obstáculos pelo caminho, que se sente numa luta contra inimigos que podem vencê-lo.

O segundo modelo prototípico sucede de maneira diferente do primeiro. Enquanto o modelo da preocupação se presencia em dois frames, o modelo do almejo realiza-se apenas no frame da emoção. Vale-se da ansiedade considerada positiva, não possuindo conotação patológica (vide quadro 6).

Quadro 6: Modelo cognitivo: ansiedade como estado de almejo

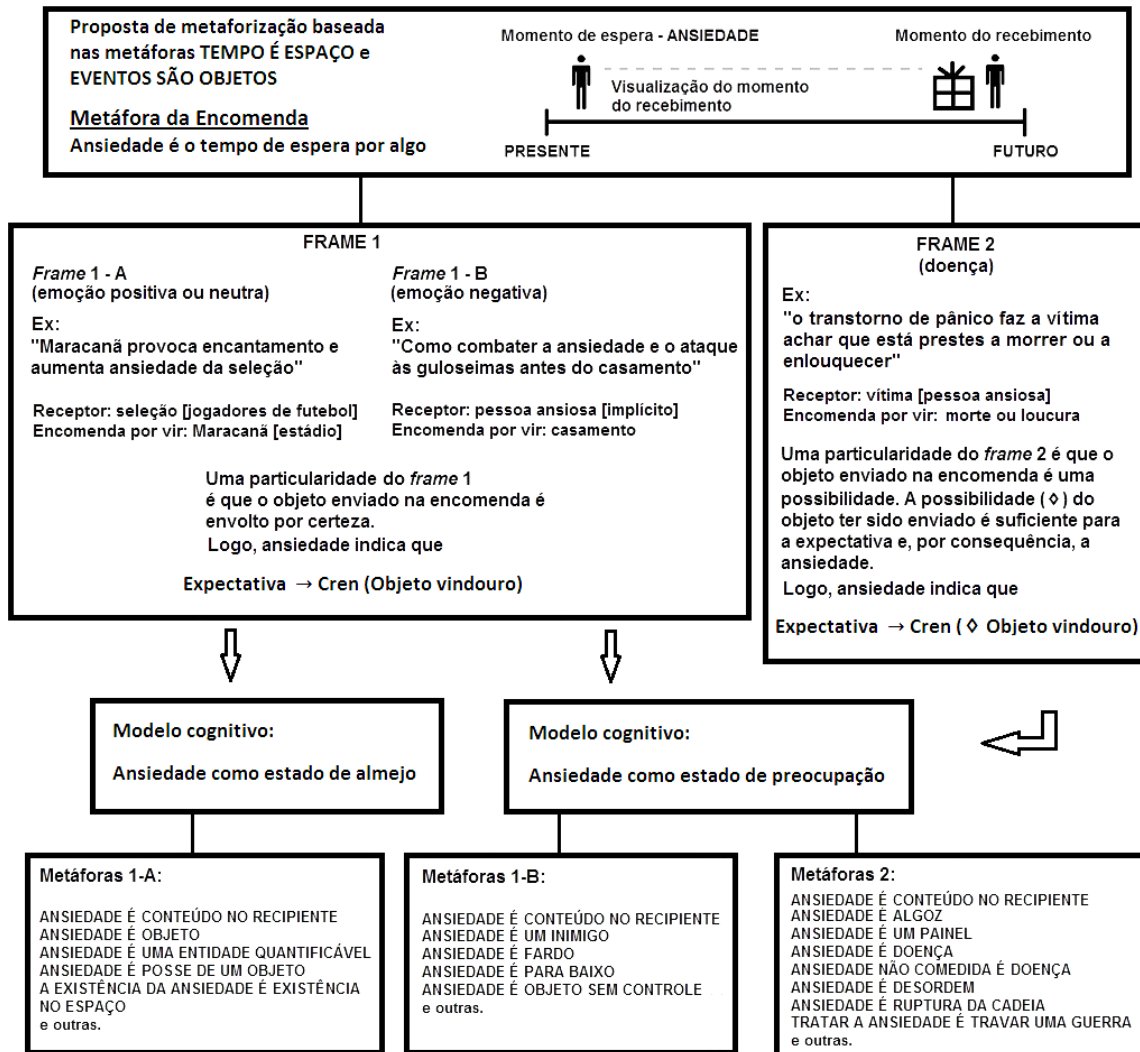
a. Causa do almejo	b. Existência do almejo
<p>Uma pessoa <i>X</i> toma conhecimento da vinda de um objeto <i>p</i>. Ela já conhece o conteúdo de <i>p</i> porque já passou por uma experiência perceptiva de <i>p</i>, ou conhece o conteúdo de <i>p</i> através da crença em relatos sobre <i>p</i>.</p>	<p><i>X</i> está satisfeita pela expectativa da vinda de <i>p</i>. Ela sente um desejo ardente de que a chegada de <i>p</i> ocorra o mais breve possível. Sente que, às vezes, não consegue se concentrar plenamente em outros temas.</p> <p>Em alguns momentos, <i>X</i> pode sentir alterações respiratórias e físicas na região do tórax e epigástrico, mas nada que cause desconforto. <i>X</i> sente que a emoção sobre <i>p</i> está aumentando dentro de si, ela consegue mensurar o tamanho da emoção.</p> <p>Ela se sente exultante e inquieta sempre que lembra de <i>p</i>. E quando outras pessoas estão compartilhando do mesmo sentimento por <i>p</i>, <i>X</i> acaba percebendo que a condição ambiental do local mudou.</p>
c. Tentativa de controle	e. Ação de resposta
<p>Caso <i>X</i> não queira transparecer sua inquietação, pode tentar pensar em outros temas, pode tentar disfarçar sua ansiedade e não se engajar numa resposta comportamental de exibição do desejo ardente de <i>p</i>.</p>	
d. Perda do controle	<p><i>X</i> demonstra respostas comportamentais, ou respostas expressivas, ou comunica aquilo que sente. Ela exibe uma postura apreensiva (podendo alternar entre um semblante inquieto, alegre e até um pequeno nível de preocupação).</p>
<p>Apesar de tudo isso, <i>X</i> perde o controle.</p>	

Fonte: elaboração própria

As metáforas que evidenciam esse modelo não exprimem interpretação negativa, são elas: EXISTÊNCIA DA ÂNSIA É POSSE DE UM OBJETO, ANSIEDADE É UM OBJETO, ANSIEDADE É UM OBJETO CONTROLÁVEL, ANSIEDADE É UM OBJETO EM EXPANSÃO, ANSIEDADE É UM OBJETO INCONTESTÁVEL, ANSIEDADE É CONTEÚDO NO RECIPIENTE. Os exemplos linguísticos dessas metáforas indicam uma pessoa exultante com o conhecimento de algum evento; ela sabe que possui um sentimento dentro de si e sabe até que ponto pode controlá-lo. A pessoa sabe que esse sentimento pode aumentar dentro de si a ponto de se tornar incontestável, e vê-se obrigada a “admiti-lo”, “demonstrá-lo”, “revelá-lo”.

Concluimos esta seção com a segunda parte do esquema do MCI (quadro 7), incluindo, nele, os resultados obtidos até o momento sobre a metaforização da encomenda e sobre os modelos prototípicos.

Quadro 7: MCI da ansiedade – parte 2



Fonte: Costa Jr. (2014), mas com adaptações para a presente pesquisa

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contemplamos, neste estudo, a amplitude de um MCI de caráter emocional. A condição dos dados analisados forneceu seu próprio caminho em direção aos objetivos iniciais. O MCI da ansiedade realizou-se em dois frames: o da emoção e o da doença. As metáforas conceptuais identificadas no *corpus* induziram a constatação de dois modelos prototípicos: ansiedade como estado de preocupação e ansiedade como estado de almejo. Sendo o almejo uma peculiaridade do frame da emoção, polarizado na subdivisão da ansiedade que é valorada positivamente.

O método MIP foi responsável pela identificação de mais de duzentas unidades lexicais de uso metafórico. Abordagem que facilitou a sugestão de metáforas subjacentes. Os conceitos intrínsecos relacionados foram o temor, o almejo e a expectativa. Dentre esses, a expectativa mereceu destaque devido a sua ocorrência em todas as subdivisões de frame. É a partir do conceito de expectativa, aliado a duas metáforas conceptuais, que este estudo propôs a Metáfora da Encomenda. Uma construção análoga à compreensão da ansiedade, que se demonstrou um modelo aplicável a emoções propensas à ideia de futuro. O transtorno de ansiedade generalizada foi o único caso em que não se identificou uma consciência de evento encomendado, não há um objeto futuro que lhe sirva à direcionalidade da expectativa.

A modalização alética, proporcionada pelo modelo da encomenda, deixou claro o caráter racionalista da diferenciação entre a ansiedade emotiva e a ansiedade patológica. Pois, se é racionalmente justificável então é uma emoção salutar, ou se não é justificável racionalmente pela certeza da encomenda, então é uma emoção doentia. Percebe-se a importância do papel da linguagem nessa diferenciação, sem a linguagem a diferença seria inexequível, visto que os efeitos físicos da ansiedade seriam os mesmos.

Os resultados obtidos, aqui, vislumbram uma modesta contribuição para a teoria sociocognitiva da linguagem e os estudos contemporâneos da metáfora. Espera-se que a perspectiva linguística desta investigação contribua para o conhecimento interdisciplinar da ansiedade/emoção, tema que é tradicionalmente discutido pela Psicologia e pela Filosofia. Contudo, os estudos sobre o tema não se esgotam nesta análise, sendo, esta, um pequeno passo para a compreensão social e cognitiva das emoções ansiosas.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. Poética. In: ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco; Poética*. Seleção de José Américo Motta Pessanha. Trad. Eudoro de Souza. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. p. 245-341.

_____. *Retórica*. Trad. Manuel Alexandre Jr., Paulo Farmhouse Albert, Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

AULETE, Caldas. *iDicionário Aulete da Língua Portuguesa*. Dicionário Caldas Aulete, Lexikon Editora Digital, 2008. Disponível em: <<http://aulete.uol.com.br/>> Acesso em: 15 jul. 2015.

BARCELONA, Antonio. Clarifying and applying the notions of metaphor and metonymy within cognitive linguistics: an update. In: DIRVEN, René; PÖRINGS, Ralf. *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlim; Nova York: Mouton de Gruyter, 2003. p. 207-277.

BARTHES, Roland. L'ancienne rhétorique, aide-mémoire. *Communications*, Paris, v. 16, Recherches rhétoriques. p. 172-223, 1970.

BAXTER, L.A. Root metaphors in accounts of developing romantic relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*. Thousand Oaks, v. 2, n. 9, p. 253-275, 1992.

BLACK, Max. *Models and metaphors: studies in language and philosophy*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1962.

BOKOR, Zsuzsanna. Body-based constructionism in the conceptualization of anger. Paper 17 in the *C.L.E.A.R. series (Cognitive Linguistics: Explorations, Applications, Research)*. Working papers of the Department of English, Hamburg University, and Department of American Studies, Eötvös Loránd University Budapest, 1997.

COSTA JR. Daniel Felix da. *O modelo cognitivo idealizado da ansiedade e suas materializações na linguagem*. 2014. 184 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

FILLMORE, Charles J. Frame semantics. In: GEERAERTS, Dirk. *Cognitive linguistics: basic readings*. Berlim: Selignow Verlagsservice, 2006. p. 373-400.

GRADY, J. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. 1997. 299 f. Tese (Ph.D. in Linguistics) – University of California, Berkeley, 1997.

HOUAISS, A. et al. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

- HUSSERL, Edmund. *Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia*. Trad. Frank de Oliveira. São Paulo: Madras, 2001.
- KÖVECSES, Zoltán. *Emotion concepts*. Berlin / New York: Springer Verlag, 1990.
- _____. *Metaphor and emotion*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- _____. The conceptual structure of happiness. In: TISSARI, H.; PESSI, A.B; SALMEIA, M. *Happiness: cognition, experience, language*. Helsinki: Helsinki Collegium for Advanced Studies, 2008. p.131-143.
- _____. *Metaphor: a practical introduction*. New York: Oxford University Press, 2010.
- LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, George; JONHSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- _____. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.
- PRAGGLEJAZ GROUP. MIP: a method for identifying metaphorically used words in discourse. *Metaphor and Symbol*. Mahwah NJ, v.22, n. 1, p.1-39, 2007.
- REDDY, Michael. The conduit metaphor. In: ORTONY, Andrew. *Metaphor and thought*. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 164-201.
- RICHARDS, I.A. *The philosophy of rhetoric*. Oxford: Oxford University Press, 1936.
- RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- SEARLE, John R. *Intencionalidade*. Trad. Julio Fischer, Tomás Rosa Bueno. 2. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- TALMY, Leonard. *Toward a cognitive semantics, Volume I: concept structuring systems*. Cambridge, MA: MIT Press, 2000.